

# **CRUZEIRO DO SUL – INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO JOSÉ NEGRÃO**

## **ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DA POBREZA EM TRÊS ALDEIAS DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (Final)**

### **Equipa de Investigação**

Luís Felipe Pereira (Coordenador Geral)

#### **Investigadores:**

Almeirim Carvalho

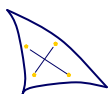
Carlos Lauchande

Dipac Jaiantilal

Georgina Montserrat

Margarida Paulo

**MAIO 2007**



## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	3
ABREVIATURAS .....	4
1. INTRODUÇÃO .....	5-7
2. QUESTÕES DE PESQUISA .....	7
3. OBJECTIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS .....	8
4. QUADRO TEÓRICO: .....	8-12
REVISÃO LITERÁRIA SOBRE O MODELO ECONOMÉTRICO DE MEDIÇÃO DA MAGNITUDE DO IMPACTO DO CAPITAL SOCIAL NO BEM ESTAR DO AGREGADO FAMILIAR.	
5. METODOLOGIA .....	12-13
6. CÁLCULO DO ÍNDICE DE POSSE (MEDIDA DE BEM ESTAR) .....	13-14
RELATIVOS AO LEVANTAMENTO 2006 E SUA COMPARAÇÃO COM O ÍNDICE DO LEVANTAMENTO DE 2005	
6.1. CÁLCULO DO ÍNDICE PARA O BRIDGING SOCIAL CAPITAL .....	15-16
6.2. MEDIÇÃO DA MAGNITUDE DO EFEITO DO CAPITAL SOCIAL E .....	17-19
HUMANO NA VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE POSSE COMO MEDIDA DO BEM ESTAR	
6.3. DESCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS .....	20-21
AGREGADOS FAMILIARES DO QUINTO QUINTIL	
6.3.1. RICOS VIVENDO NUMA ALDEIA PRÓXIMA A ESTRADA NACIONAL .....	21-24
6.3.2. GRUPO DOS MAIS RICOS NO INTERIOR DA ALDEIA .....	23-26
6.3.3. A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS HÍDRICOS .....	26-27
7. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS DE VIDA .....	28-30
8. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	30-33
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS .....	35-41

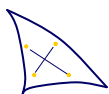
### **AGRADECIMENTOS:**

Gostaríamos de agradecer a Embaixada do Reino dos Países Baixos que financiou o estudo, acreditando, assim, no potencial que os resultados da investigação podem trazer.

À Michelle do Carmo e a Sandra Bulha que organizaram o material para o trabalho de campo.  
À Telma Mbeve que nos assistiu no trabalho de campo. Aos membros do Cruzeiro do Sul nomeadamente: Camilo Nhancale, Palha de Sousa e Sabina Assele que leram o relatório inicial e deram contributos úteis para o melhoramento do mesmo.

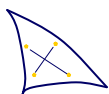
A todas as famílias em Ghiote, Napacala e Namiope que contribuíram com experiências de vida ricas que ajudaram na compreensão dos problemas que os afligem. E como resolvê-los.

Às autoridades locais e líderes tradicionais em Ghiote: André Mussa e Fernando Saipo; em Napacala: Warice Jacute e Carlos Wilson e em Namiope: Afonso Ussene e Teodoro Cavarro, pela abertura e disponibilidade em apoiar-nos na identificação e localização das famílias, durante o trabalho de campo.



**ABREVIATURAS:**

CAN	Companhia Algodoeira de Moçambique
CMC	Coorative Muratori e Carpentieri
EDR	Estratégia de Desenvolvimento Rural
JFS	João Ferreira dos Santos
ONG	Organização Não Governamental
INAS	Instituto Nacional para Acção Social



## 1. INTRODUÇÃO

No quadro das conclusões do estudo sobre “A Análise Multidimensional da Pobreza em Três Aldeias do Norte de Moçambique” apresentado em 2005, uma das questões que permanecia sem dados comprovativos era a terceira hipótese que diz: As redes sociais intracomunitárias não incentivam atitudes para saírem da pobreza, e aumento dos rendimentos familiares. Só as redes sociais extra-comunitárias são capazes de levar a uma redução da pobreza.

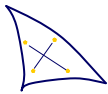
Esta hipótese destaca o papel das redes extra comunitárias ou “bridging social capital” na criação de oportunidades da família rural desenvolver uma atitude empreendedora, que permite a poupança e acumulação para ser usada como poupança e investimento o que, eventualmente, conduziria a saída do ciclo de pobreza. O “bridging social capital” é entendido aqui como as redes extra comunitárias do agregado que possibilitem o acesso a mercados, informação, nova tecnologia e ligações com instituições externas, com o potencial de permitir um desenvolvimento sustentável.

Neste sentido, a combinação de “bridging e bonding social capital” pode aumentar a riqueza para as comunidades rurais. Granovetter (1973) argumenta que o desenvolvimento económico acontece através de um mecanismo que permite aos indivíduos desenhar, inicialmente, os benefícios da comunidade fechada, mas depois é necessário adquirir as ferramentas e os recursos para participar em redes para além da comunidade, e assim, progressivamente, integrar-se na estrutura económica. Por exemplo, camponeses pobres, inicialmente, dependem dos seus familiares e amigos “bonding social capital” para iniciar um negócio, mas para a expansão dos seus rendimentos é necessário ampliar os seus contactos e acesso aos mercados e instituições.

Estes elementos no seu conjunto concorrem para a criação de um quadro de referência que, eventualmente, conduzem, a uma atitude empreendedora da família rural, que envolva a identificação de áreas de investimento, ter capital ou acesso a capital para investir, com a assumpção de riscos inerentes ao investimento, ter habilidade para o fazer render, para além de ter cometimento com o trabalho e ter hábitos de poupança.

Antes de prosseguirmos gostaríamos de enunciar as conclusões principais da primeira fase da pesquisa (hipótese 1 e 2). As conclusões resumem-se no seguinte:

- A variação do capital económico, designado por índice de posse é, fundamentalmente, explicada pela variação dentro de cada aldeia e não pela variação entre as aldeias, embora o nível de acesso a infra-estruturas nas aldeias seja diferente. O que parece sugerir que o acesso a infra-estruturas básicas podendo ser condição necessária, não é contudo suficiente para engendrar o processo de acumulação de riqueza.
- O capital social (grupos e redes intracomunitárias) está correlacionado, positivamente, com o índice de posse. As famílias mais pobres são, geralmente, as que pertencem a



nihimo (clã)<sup>1</sup> minoritários, chefiados por mulheres viúvas e solteiras, sem papel preponderante nas festas religiosas, sem voz nas reuniões da aldeia. Em contrapartida, as famílias com o maior índice de posse que pertencem ao clã maioritário, são homens polígamos, organizam as festas religiosas, participam nas reuniões das aldeias. De certa maneira os grupos e redes intracomunitárias (bonding social capital) geram processos de exclusão baseados no clã, género, estado civil e na idade.

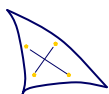
- As estratégias de sobrevivência adoptadas pelas famílias rurais face à vulnerabilidade, dependem do índice de posse e do capital social. Famílias com baixo índice de posse - do primeiro e segundo quintil - e, conseqüentemente, mais vulneráveis podem correr o risco de ficarem mais pobres quando em situação de crise usam os grupos e redes intracomunitárias para conseguir trabalho ganho-ganho (estratégia de redução de risco) e empréstimos para fazer face ao consumo essencial. As estratégias destes grupos são, geralmente a posteriori, isto é, não há uma atitude de prevenção da situação de risco. Estas estratégias reduzem o impacto de vulnerabilidade mas não permitem a saída do ciclo de pobreza.
- As famílias no terceiro e no quarto quintil, têm estratégias a priori de auto protecção. Geralmente, os agregados nesta categoria, possuem bens, tais como: gado, artesanato, e bicicleta como seguro. Estes bens são vendidos em situações de crise. Contudo este grupo não utiliza estes bens para montar um negócio, ou investir na machamba<sup>2</sup>, como por exemplo, a expansão da sua machamba ou adoptar novas técnicas de agricultura. Isto é, há uma atitude de prevenção do risco mas não de capitalização. O que pode traduzir-se na pouca probabilidade de criação de riqueza.
- **Os dados sugerem que as famílias no quinto quintil são as que, provavelmente, desenvolvem uma atitude de poupança, para o investimento. A hipótese em estudo postula que estes agregados possuem capital social ligado às redes sociais extra comunitárias, “bridging social capital”, o que lhes potencia em termos de acesso a informação, e as instituições do estado. Isso também cria oportunidades para desenvolver um quadro de referências que, eventualmente, os conduz a atitudes de poupança para o investimento.**

Nas três aldeias haviam poucos indivíduos do quinto quintil. As famílias do quinto quintil identificadas dominavam as relações sociais e desenvolviam actividades que levavam a acumulação de riqueza. As famílias do primeiro quintil arriscavam mais do que outras famílias identificadas nas histórias de vida. As famílias do primeiro quintil tinham habilidades e oportunidades que os demais na aldeia não possuíam. Estas empregavam outras pessoas na aldeia (o que reduz mas não exclui a possibilidade de inovação por parte de outros). As famílias do quinto quintil tinham posição de dominância nas relações interpessoais e de privilégio junto das autoridades da aldeia.

---

<sup>1</sup> Neste caso clã refere-se a linhagem com uma antepassada comum

<sup>2</sup> Machamba refere-se a uma porção de terra onde o agregado familiar cultivava alimentos para consumo ou venda.



A estratificação social coloca aqueles no 1º e no 2º quintis em situação de vulnerabilidade maior da pobreza aceitando, assim, a condição de dependência do quintil superior e por vezes contraindo dívidas para satisfazer necessidades básicas. Enquanto aqueles no 3º e 4º quintis tinham capacidade para cobrir as necessidades básicas e adquirir bens duráveis e vendáveis em caso de necessidade. Estes últimos não investem mas adquirem bens seguros. A falta de instituições direccionadas para o seguro social faz com que não haja integração de financiamento/prestação de serviços e estabilidade de custos. Isto significa que as famílias menos desfavorecidas têm pouco apoio do estado e menos probabilidades de sair da pobreza. A partir do financiamento das actividades agrícolas, desenvolvidas pelas famílias, fará com que as mesmas não aceitem vender à pressa os seus produtos no início da campanha comercial. Aumentando a possibilidade de venderem os seus produtos a preços altos gerando lucros que servirão de seguro nos momentos de crise.

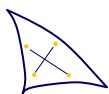
## 2. QUESTÕES DA PESQUISA

As histórias de vida dos identificados como pertencendo ao quinto quintil do índice de posse são a base para a identificação de elementos que constituem o “bridging social capital”. A análise qualitativa destes elementos, permitirá responder as questões como:

- Quais são os factores relacionados com o capital social que concorrem para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora (empresarial) como resposta à vulnerabilidade?
- Estarão as políticas a nível macro (processo de descentralização) incentivando o desenvolvimento de instituições que capitalizam os factores que concorrem para o desenvolvimento dos empreendedores a nível micro?

O conhecimento das relações entre os factores relacionados com o capital social e o índice de posse seria incompleto sem mensuração do nível de impacto do capital social sobre a elasticidade do índice de posse. Assim, a modelação econométrica da variabilidade do índice de posse em função das dimensões do capital social e humano permitirá responder a questões pertinentes como: Qual é o nível de impacto das várias dimensões do capital humano e social na distribuição do índice de posse?

Deste modo, este estudo mantém os objectivos gerais citados no trabalho de 2005, contudo, apresenta objectivos específicos relacionados a terceira hipótese. O quadro teórico de análise, baseia-se no estudo de modelos econométricos usados como a medição do impacto do capital social no bem estar do agregado familiar. Discute-se assim o modelo econométrico do cálculo da elasticidade do bem estar, relativamente, ao capital social. O modelo foi aplicado em vários países em desenvolvimento como: Bolívia, Burquina Fasso e Indonésia. O quadro teórico inclui também algumas referências sobre experiências de políticas para criar oportunidades de desenvolvimento do “bridging social capital”.



### **3. OBJECTIVOS DO TRABALHO (2005-2006):**

- Contribuir para uma nova análise da pobreza ao nível micro: analisar os factores determinantes da desigual distribuição da riqueza na aldeia, no seio da família, e em relação a aldeia com o seu meio (recursos naturais, vias de comunicação e mercado).
- Analisar a dinâmica interna da pobreza nas comunidades rurais identificando o tipo de estratégias adoptadas na redução da vulnerabilidade e no aumento dos rendimentos da família rural.

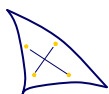
Os **objectivos específicos** estão no quadro dos objectivos específicos do trabalho de 2005, com aspectos inerentes à análise dos dados sobre as histórias de vida. Assim, os objectivos específicos são:

- Identificar as características do “bridging social capital” e do “bonding social capital” que o primeiro e o quinto quintil do índice de posse possuem.
- Medir o impacto do “bonding” e do “bridging” capital social na elasticidade do capital económico utilizando modelos econométricos.
- Verificar se as características do capital social associado à poupança e investimento reflectem só factores endógenos ou se existem instituições externas que promovem um comportamento empreendedor.
- Analisar em que medidas as políticas macro que preconizam o desenvolvimento das instituições locais reflectem-se a nível micro.

### **4. QUADRO TEÓRICO SOBRE O MODELO ECONOMÉTRICO DE MEDIÇÃO DA MAGNITUDE DO CAPITAL SOCIAL NO BEM ESTAR DO AGREGADO FAMILIAR.**

O quadro teórico apresentado no estudo da hipótese um e dois tinha como pano de fundo a perspectiva sociológica e antropológica, onde a relação entre capital social e capital económico é apresentada na forma de estrutura. Foram aspectos de realce a relação entre as várias formas de capital social (bonding social capital, bridging social capital) e as estratégias para fazer face a vulnerabilidade. No quadro teórico aqui apresentado o capital social é discutido na perspectiva econométrica continuando válida a estrutura relacional entre os capitais. Nesta perspectiva tenta-se medir o impacto do capital social no bem estar usando os modelos econométricos.

Os modelos econométricos para medição no bem estar do agregado familiar são bastante documentados nos trabalhos de Narayan e Prichett (1997) num estudo na Tanzânia e nos estudos de Grootaert (2001) na Bolívia, Burkina Fasso e Indonésia. Segundo os autores acima citados, o modelo econométrico, assume que o capital social é, realmente, um “capital”, isto é, um valor que gera retornos mensuráveis ao agregado familiar. O capital social tem as características de “capital”, portanto requer meios e recursos (especificamente tempo) a serem produzidos. Por isso está sujeito à acumulação e destruição.



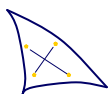
Por exemplo, Narayan e Prichett (1997) verificaram ainda que a distribuição do capital social é assimétrica a favor dos mais ricos e que camponeses com grande capital social tinham grandes probabilidades de adoptar tecnologias modernas de agricultura. Num outro estudo realizado na Bolívia, Indonésia e Burkina Fasso por Grootaert (2001) com a designação de estudo das instituições locais os resultados mostram também a importância do capital social no bem estar do agregado. O estudo foi delineado para investigar o papel das associações locais na provisão de serviços aos agregados, e verificar em que medida as associações locais ajudam os mais pobres a melhorar o seu bem estar. Neste estudo verificou-se que o capital social tem um efeito significativo sobre o bem estar dos agregados. A magnitude da elasticidade varia entre (0.09 a 0.12) e é similar a observada na educação (0.07 a 0.16). Os dados mostram ainda que para cada nova inscrição numa associação local o bem estar melhorava 1.5% na Indonésia e 7.1% em Burkina Fasso.

A importância do capital social nos projectos de desenvolvimento é destacado pelos mesmos autores, de acordo com Grootaert (2001) o reconhecimento do capital social como “input” da função produção do agregado e do país tem grandes implicações nas políticas de desenvolvimento e no desenho de projectos. O autor sugere que a aquisição do capital humano e o estabelecimento de infraestruturas deve ser complementada com o desenvolvimento de instituições a nível local e nacional afim de obter o máximo de benefícios dos investimentos. Por exemplo, uma associação funcional de pais e professores é necessária para complementar a construção de escolas e a formação de professores. A promoção de uma interacção entre camponeses é necessária para complementar a provisão de sementes e fertilizantes.

Embora existam muitas definições do conceito de capital existe um consenso crescente que “capital social é a habilidade dos actores assegurarem benefícios pelo facto de pertencerem a redes sociais ou outras estruturas sociais” (Portes, 1998:6). Uma visão alargada do conceito de “estrutura social” conduz a uma perspectiva de capital social aos níveis: macro, meso e micro. De acordo com Knack (1999) há evidências do impacto do capital social a nível macro no comportamento económico a nível nacional.

Quanto aos níveis micro e meso, o capital social refere-se as redes sociais e normas que governam as interacções entre os indivíduos, agregados e comunidades. Estas redes são muitas vezes estruturadas através da criação de associações locais ou instituições locais. Aqui enfatiza-se a importância das instituições locais na gestão de projectos florestais, nos sistemas de micro créditos nos projectos de irrigação, na colocação da produção em mercados entre outros. Embora em muitas associações locais o foco e a relação entre os membros acontece numa base de igualdade, isto é, horizontal. Coleman (1988) argumentou que o capital social inclui também associações verticais onde a distribuição do poder é desigual. De acordo com o mesmo autor a nível local, as associações têm três funções fundamentais: a partilha de informação entre os membros da associação, a redução de comportamentos oportunistas e a facilidade na tomada de decisões colectivas.

O capital social e humano podem ser adquiridos em contextos formais e/ou informais. De acordo com os mesmos autores muito do capital social ocorre em interacções sociais, religiosas ou culturais. Assume-se que as redes sociais construídas através destas interacções



criam benefícios mensuráveis aos participantes e conduzem, directa ou indirectamente, a altos níveis de bem estar. O modelo econométrico aplicado nesta análise é o seguinte:

$$\ln E_i = a + bSC_i + cHC_i + dOC_i + eX_i + fZ_i + u_i \quad (1)$$

Onde:

$E_i$  = consumo do agregado

$SC_i$  = capital social

$HC_i$  = capital humano

$OC_i$  = outros valores

$X_i$  = características do agregado

$Z_i$  = características da região

$u_i$  = error term

A variável capital social neste modelo pode ser expressa como um simples índice ou como um conjunto de variáveis que capturam as várias dimensões do capital social. Narayan e Pritchett (1997) utilizaram as seguintes dimensões do capital social: densidade das associações, heterogeneidade interna e participação activa nos processos de tomada de decisão.

Outras dimensões apresentadas na revisão literária sobre o “bonding social capital e o “bridging social capital” são subcategorias do “bonding” e do “bridging”. Inclui-se entre outros grupos e redes sociais, confiança e solidariedade, acção colectiva e cooperação informação e comunicação, coesão social e inclusão e empoderamento e acção política. Onde:

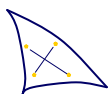
**Grupos e redes** – refere-se a natureza e a extensão da participação do agregado familiar nos vários tipos de organização social e nas redes informais. São as contribuições que o agregado faz e recebe.

**Confiança e solidariedade** – está relacionado com o nível de confiança para com os vizinhos, e para com os provedores de serviços públicos. Esta confiança varia com o tempo.

**Acção colectiva e cooperação** – refere-se ao nível de envolvimento do agregado nas acções da comunidade e/ou na resposta deste em situações de crise que afectem a comunidade.

**Coesão e inclusão** – As comunidades não são entidades uniformes, mas sim são caracterizadas por formas de segregação e estratificação que podem conduzir a conflitos. A medição desta variável utiliza a identificação e a natureza das formas de discriminação e segregação e os mecanismos de gestão dos conflitos que possam resultar destas divisões.

**Informação e comunicação** – o acesso à informação e comunicação são considerados hoje como um aspecto central que dá às comunidades mais vulneráveis a possibilidade de defenderem os seus interesses. As questões nesta categoria referem-se aos meios pelos quais as comunidades recebem informação sobre mercados, condições dos serviços públicos e o nível de acesso às infraestruturas de comunicação.



**Empoderamento e acção política** – Os agregados familiares são empoderados na medida em que têm controle das instituições que, directamente, afectam no seu bem estar. As questões aqui referem-se ao nível de satisfação, à capacidade de influenciar os acontecimentos locais e os resultados políticos no geral.

Para esta análise o quadro teórico a ser utilizado baseia-se nas categorias acima descritas, ajustadas ao contexto das aldeias em estudo.

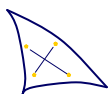
Neste estudo as categorias usadas são, fundamentalmente, os grupos e redes e o empoderamento político. Assim os grupos e redes foram utilizadas na perspectiva do bonding social capital ou rede intra-comunitários, o empoderamento político, a informação e comunicação aparecem como bridging social capital.

Os elementos de grupos e redes considerados incluem:

- \* **Nihimo**: aqueles indivíduos que pertencem ao mesmo clã. O que poderá estar relacionada com grupos e redes.
- \* **Estado civil**: aqueles indivíduos casados, monogâmicos ou poligâmicos, sustentam maior capital social intracomunitário do que aqueles viúvos ou solteiros.
- \* **Nihimo do cônjuge**: aqueles indivíduos casados com conjugues com nihimos maioritários, sustentam maior capital social.
- \* **Lugar de nascimento**: aqueles indivíduos nascidos na aldeia, sustentam maior capital social.
- \* **Responsabilidade social**: aqueles indivíduos que desempenham actividades de responsabilidade comunitária, tais como: régulos, apuiamuenes, e líderes religiosos como: chehes e pastores, ostentam maior capital social.
- \* **Religião**: aqueles indivíduos que pertencem à religião maioritária, ostentam maior capital social.
- \* **Participação/organização das festas religiosas**: aqueles indivíduos que participam e/ou organizam festas religiosas, ostentam maior capital social.
- \* **Opinião**: aqueles indivíduos que costumam a dar a sua opinião quando há problemas na aldeia, ostentam maior capital social.
- \* **Pessoas influentes**: aqueles indivíduos que são indicados como pessoas influentes no seio da aldeia, ostentam maior capital social para benefício próprio e da comunidade.

Os indicadores do “bridging social capital” ou redes extra-comunitárias incluem:

- \* **Participação no processo de descentralização em curso**: pessoas que participam nos conselhos consultivos.



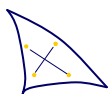
- \* **Viveram fora da aldeia:** aqueles indivíduos que viveram e trabalharam fora da aldeia, têm maior acesso a informação.
- \* **Trabalho fora da aldeia:** aqueles indivíduos que trabalham fora da aldeia, tendem a ter maior acesso à informação.
- \* **Família fora da aldeia:** aqueles indivíduos que têm família fora da aldeia, têm maior acesso à informação
- \* **Participação em associações:** aqueles indivíduos que fazem parte de alguma associação têm mais possibilidades de resolver os seus problemas individuais, ou que sejam comuns a outros.
- \* **Lugar de nascimento:** aqueles indivíduos que nasceram dentro da aldeia, ostentam maior capital social.
- \* **Venda de produção fora da aldeia:** quanto maior for os contactos comerciais fora da aldeia maior será o capital social.

## 5. METODOLOGIA

A metodologia usada envolveu métodos quantitativos (questionários aos agregados familiares) e métodos qualitativos (entrevistas semi estruturadas, histórias de vida e observação etnográfica). Estes métodos foram usados com base nos agregados nos extremos da distribuição do índice de posse calculado em 2005. Assim o estudo incidiu sobre os agregados do primeiro quintil e o do quinto quintil do índice de posse, de forma a identificar e modelar a variabilidade do tipo de estratégias utilizadas por estes dois grupos. Com isso, pretende-se identificar os factores aliados ao capital social e humano que determinam os níveis de assimetrias apresentados no relatório de 2005.

O estudo qualitativo serviu-se de base às histórias de vida dos agregados do quinto quintil. Isto é, as histórias de vida dos agregados com maior índice de posse, serviram para sustentar a terceira hipótese sobre a importância do “bridging social capital”. Estes agregados também serviram para identificar os factores associados ao relativo sucesso dos agregados no topo da distribuição do índice de posse. Para que pudessem servir no quadro das políticas de redução da pobreza, ligadas ao desenvolvimento de instituições locais que concorrem para potenciar e multiplicar o número destes empreendedores

Na variante quantitativa aplicou-se um questionário a 100 agregados que representam perto de 1/3 dos agregados estudados em 2005. As dimensões do questionário incluem variáveis relacionadas com a posse de bens, capital económico, capital humano e indicadores sobre os níveis de implementação do processo de descentralização em curso nos distritos. Aos quais foram classificados como “bridging social capital” na categoria de empoderamento político. As questões relacionadas com este último aspecto dizem respeito à participação nos conselhos consultivos, organização que participa na tomada de decisões sobre aspectos centrais da administração do distrito.



Com base nestas variáveis criou-se um indicador do índice de posse usando a metodologia da análise das principais componentes usadas no trabalho de 2005. Criou-se também um indicador relacionado com o empoderamento político.

O levantamento quantitativo de 2006 teve como objectivo testar, empiricamente, os resultados do estudo de 2005 e verificar a consistência dos dados. O inquérito incluiu também a obtenção de dados para um estudo sobre a implementação dos processos de descentralização. Assim incluiu questões como verificar, em que medida os actuais processos de descentralização estão correlacionados com a distribuição da riqueza nas aldeias, isto é, verificar se o processo de selecção dos membros do conselho consultivo está relacionado com os níveis de posse e de capital social.

Para a análise dos determinantes da variação do índice de posse utilizou-se o modelo econométrico acima descrito onde a variável dependente é o índice de posse e as variáveis independentes como o 1) capital social relacionado com o “bonding social capital”, que no caso deste estudo, inclui o facto dos entrevistados terem vivido ou trabalhado fora da aldeia 2) o empoderamento político, o qual foi categorizado como “bridging social capital” e o 3) capital humano.

O levantamento quantitativo permitiu também (i) recolher dados sobre as posses de forma a verificar a consistência do indicador índice de posse, comparando com os dados do levantamento de 2005 e (ii) recolher dados sobre o capital humano, como sejam educação e saúde.

A dimensão capital social “bonding social capital”, utilizada no trabalho de 2005, é constituída por variáveis relacionadas com os grupos e redes intracomunitários, pois grande parte das variáveis que constituem esta dimensão estão associadas às redes e grupos informais, tais como: o nêhimo organização de festas religiosas (organiza ou não), estado civil (polígamo, viúva ou divorciada), e o nível de participação nas reuniões da aldeia informais na aldeia.

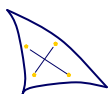
Tendo apresentado a metodologia usada na recolha e análise dos dados, iremos a seguir apresentar os resultados do estudo.

## **6. CÁLCULO DO ÍNDICE DE POSSE DE 2006 E SUA RELAÇÃO COM O ÍNDICE DE POSSE DE 2005**

Relativamente aos dados sobre posses, a recolha foi realizada numa amostra de 100 agregados das três aldeias, tendo a recolha sido realizada sobre o primeiro quintil e o quinto quintil do levantamento de 2005. O índice de posse foi calculado com base na metodologia das componentes principais.

As variáveis principais que entram no cálculo de índice de posse são similares à de 2005 (ver tabela 1, p.14

), exceptuando a variável número de machambas que semeou na última campanha. Em 2005 foi recolhida a informação relativa à dimensão da machamba. Esta variável em 2005, não



entrou no cálculo do índice de posse pois não se correlacionava com as demais. Devido a este facto em 2006 incluiu-se no questionário a pergunta sobre o número de machambas que o agregado semeou produtos diferentes. Isto poderá estar a significar que os indivíduos com maior índice de posse possuem muitas machambas com produtos diferentes, conseqüentemente, diminuem o risco de campanha agrícolas más e a vulnerabilidade. Tal parece sugerir uma estratégia a priori em face da vulnerabilidade, uma característica dos agregados não pobres.

**Tabela 1: Matriz das Componentes Principais**

	Componente
	1
RADIO	.613
BICICLETA	.627
INSTRUMENTOS	.656
GALINHAS	.673
CABRITOS	.582
Quantas machambas a família semeou na última campanha agrícola	.660

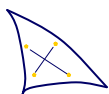
**Fonte: Método de Extracção, Análise das Componentes Principais a uma Componente Extractiva**

Para a análise da consistência das respostas calculou-se a correlação linear entre o índice de Posse de 2005 e o de 2006. O valor da correlação é de 0.57 e é, estatisticamente, significativo. Este resultado ilustra uma certa fiabilidade do indicador índice de posse. Pois o índice de posse que é medido em dois anos consecutivos parece sugerir que as famílias com baixo índice de posse, em 2005, continuaram com baixo índice de posse, em 2006. Enquanto as famílias com altos índices de posse, em 2005, continuaram com altos índices de posse em 2006.

**Tabela 2: Correlações Entre o Índice de Posse Calculado em 2005/06**

		CE2006	CE2005
CE2006	Correlação de Pearson	1	.569(**)
	Sig. (2-tailed)	.	.000
	N	92	84
CE2005	Correlação de Pearson	.569(**)	1
	Sig. (2-tailed)	.000	.
	N	84	91

**Fonte: Inquérito aos Agregados Familiares nas Três Aldeias,**



## Cruzeiro do Sul (2006)

### 6.1. CÁLCULO DO ÍNDICE DE CAPITAL SOCIAL RELACIONADO COM O BRIDGING SOCIAL CAPITAL

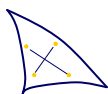
O capital social “link” que segundo Narayan (1997) é uma das componentes do “bridging social capital” o qual por sua vez estará na categoria do empoderamento e acção política. Este índice foi obtido através dos indicadores do processo de descentralização, em curso, como os conselhos consultivos. As questões utilizadas para capturar esta dimensão estão relacionadas com as variáveis sobre aspectos ligados a participação nos conselhos consultivos, a existência ou não de conselhos consultivos, o conhecimento ou não de alguém que teria participado na reunião, o género do chefe do agregado. Embora o questionário contenha outras perguntas desta dimensão, estas foram preteridas pelo facto de na análise exploratória dos dados não apresentarem consistência nas respostas.

Por exemplo, a questão sobre se o chefe do agregado teria ou não ido à administração para apresentar um problema, a análise exploratória sugere pouca relação desta com as outras três acima apresentadas. A razão para este facto, é que quem vai à administração apresentar um problema é o líder local e não o cidadão simples. O que poderá sugerir a hierarquização no tecido institucional nesta instituição. Um estudo do Cruzeiro do Sul (2006) em Nampula notou que à excepção da Ilha de Moçambique noutros distritos os problemas sociais são resolvidos em percentagem maior junto às autoridades tradicionais. A relação com o Estado só é feita em casos de imposto e casos complicados de crime envolvendo mais de uma comunidade. Estudos sobre o processo de descentralização realizado pela Austral consultores (2006) confirmam as nossas hipóteses que as autoridades tradicionais são a estrutura que mais confiança os cidadãos depositam nas zonas rurais para a resolução dos seus problemas.

**Tabela 3: Medidas de Descriminação**

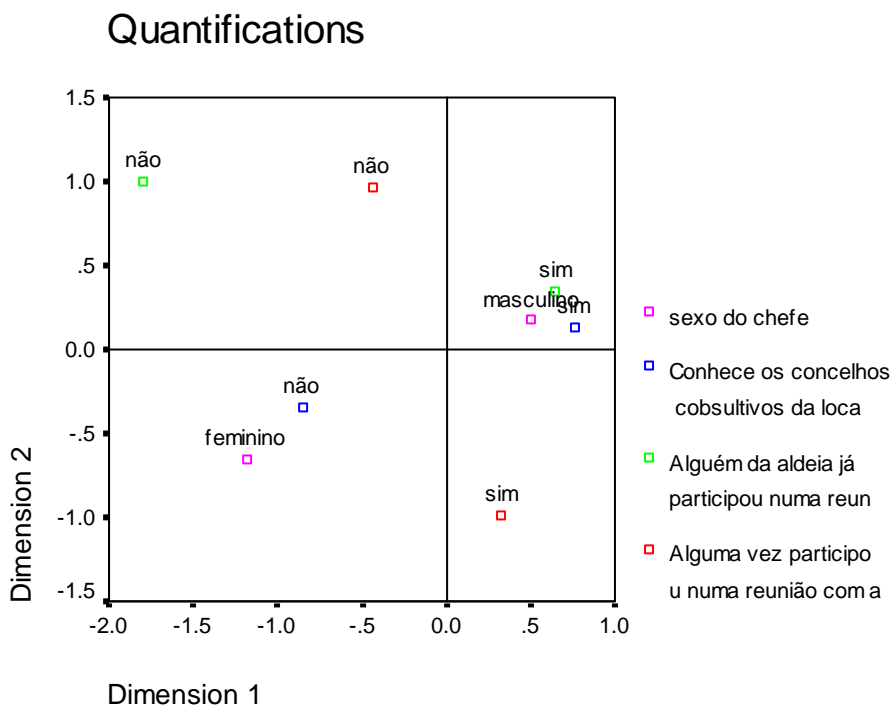
	Dimensões	
	1	2
Alguma vez participou numa reunião com a administração distrital	.139	.923
Alguém da aldeia já participou numa reunião com a administração distrital	.573	.173
Conhece os conselhos consultivos da localidade	.533	.055
sexo do chefe	.619	.158

**Fonte: Inquérito aos Agregados Familiares nas Três Aldeias, Cruzeiro do Sul (2006)**

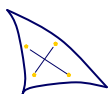


O método utilizado na selecção das famílias mais ricas e pobres nas aldeias foi a análise de correspondência múltipla. Este método é uma variação do Princals, apresentado na metodologia. A tabela nº 3 apresenta as dimensões e as variáveis a elas associadas. As medidas de discriminação abaixo apresentadas mostram que das quatro variáveis somente três delas parecem estar, fortemente, correlacionadas com a dimensão 1. O gráfico sobre como as categorias das variáveis se associam mostra que na dimensão 1, por um lado, temos os indivíduos do sexo masculino, que sabem a existência dos conselhos consultivos e conhecem alguém que participou na reunião do conselho. Por outro lado, temos os indivíduos do sexo feminino, que não conhecem o significado do conselho consultivo e não sabem se alguma mulher participou nesta estrutura. Os resultados mais uma vez confirmam haver discriminação pelo género neste processo de descentralização. Esta discriminação é, fundamentalmente, explicada pelo capital social em variáveis, pois como atrás nos referimos o alto capital social em variáveis, é associado ao género masculino.

**Gráfico 1: Dimensões do Capital Social, Humano e Político**



Um dos aspectos que tomamos em consideração na avaliação de agregados familiares pobres e ricos foi a sua contribuição nos capitais sociais, humana e político. O gráfico acima mostra em que dimensões cada um desses capitais se posicionam para homens e mulheres nas três aldeias.



## 6.2. MEDIÇÃO DA MAGNITUDE DO EFEITO DO CAPITAL SOCIAL E HUMANO NO BEM ESTAR

Para uma análise do nível de influência das várias dimensões do capital social sobre o índice de posse aplicou-se o modelo econométrico descrito no quadro conceptual. A variável dependente é o índice de posse e as variáveis independentes são o capital social construído na base de variáveis da dimensão dos grupos e das redes intracomunitárias “bonding social capital”. O capital social está relacionado com o empoderamento das famílias, da acção política e do capital humano na dimensão educacional. O nível de educação está estabelecido como uma variável binária com as categorias ler, escrever e analfabeto. A razão para esta classificação é a pouca variabilidade da variável anos de escolaridade “capital humano”, isto é, dos que têm pouca escolaridade.

Os resultados deste estudo mostram que no seu conjunto estas variáveis explicam, aproximadamente, 40% da variabilidade do índice de posse e cada uma das variáveis, individualmente, tem um efeito positivo e significativo sobre a variação do índice de posse. Os dados também ilustram que o aumento de 10% no capital político “bridging social capital” implica um aumento de 2.5% do índice de posse, mantendo constante as outras variáveis e a sua relação. Para um aumento de 10% no capital social “bonding social capital” e o índice de posse aumenta só em 1.7%. O saber ler e escrever é comparável ao “bridging social capital” pois a diferença de índice de posse entre os que são analfabetos e dos alfabetizados é de 25% mantendo constante as restantes variáveis.

**Tabela 4: Coeficientes de Regressão**

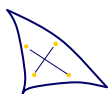
Modelo		Coeficientes não Estandarizados		Coeficientes Estandarizados	T	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constante)	.465	.100		4.647	.000
	escolaridade	.228	.062	.332	3.658	.000
	LNcas(bonding social capital)	.176	.086	.193	2.051	.044
	LNcapo(bridging social capital)	.251	.063	.372	3.973	.000

$R^2 = 39.8\%$   $F=16.9$   $P=0.000$   $Dw=1.9$

a Variável Dependente: Índice de posse 2006

A relativa ascendência do bridging social capital, comparativamente, ao bonding social capital poderá ilustrar que grande parte dos membros dos conselhos consultivos são os indivíduos com alto índice de posse. Pois estes poderão estar a ver os conselhos consultivos, possivelmente, como uma forma destes desenvolverem as suas relações com o poder político, o que, consecutivamente, abre possibilidades para o acesso de oportunidades para o aumento do índice de posse.

O bonding social capital embora varie com o índice de posse não tem a mesma dimensão que a do bridging. Pois organizar festas religiosas, pertencer a um nihimo importante e ser polígamo é característica de vários chefes dos agregados destas aldeias. Tanto os pobres como



os ricos possuem um certo nível de “bonding social capital”, contudo uns menos que os outros. Relativamente, ao bridging capital social, esta variabilidade parece ser mais acentuada pois é uma posição de destaque na comunidade.

Estes resultados são de certa maneira coincidentes com os estudos realizados na Bolívia, Burkina Fasso e Indonésia apresentados na revisão literária. Em Burkina Fasso o conjunto de variáveis explica 29% da variabilidade do bem estar do agregado familiar. E o aumento de 10% no capital social implicava a melhoria do bem estar em 5%. Relativamente a educação, o peso é menor que nas três aldeias de Moçambique. 10% de aumento de anos de escolaridade implica um aumento de 0.42%. O que pode estar a reflectir pouca variabilidade nos níveis de educação em Burkina Fasso, comparativamente, a Moçambique.

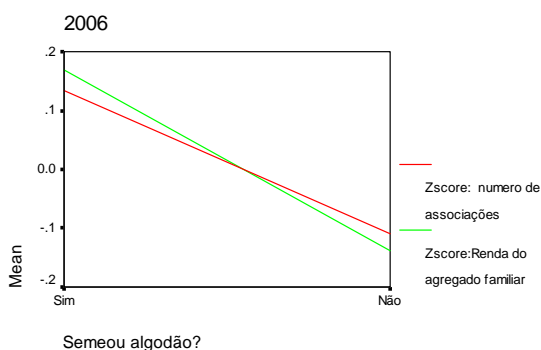
O capital social referido no estudo de Burkina Fasso refere-se ao número de associações de camponeses a que os membros do agregado pertencem. O estudo nas três aldeias em Moçambique não envolveu a dimensão associações de camponeses, pois parece que no local não se conseguiu identificar este tipo de estrutura social económica. É uma limitação deste estudo.

Contudo um estudo levado a cabo pelo Cruzeiro do Sul<sup>3</sup> em 2006 na monitoria do impacto da cultura do algodão entre os camponeses, verificou-se que a renda familiar estava relacionada com o número de associações a que o agregado pertence. Os dados sugerem que os agregados que praticam a cultura do algodão têm em média um rendimento superior aos que não praticam a cultura e pertencem a um número maior de associações, comparativamente, aos agregados que não praticam a cultura do algodão, e que possuem fraco nível de associativismo.

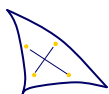
O gráfico 2 apresenta os resultados do estudo que envolveu a aplicação de um inquérito a 900 agregados do distrito de Morrumbala, na província de Sofala. Este gráfico mostra que o número de associações coincide com a renda do agregado familiar.

## Gráfico 2

Relação entre a renda e o número de associações a que o agregado pertence



<sup>3</sup> Avaliação.



É interessante também notar que na tabela no 5 das correlações, a escolaridade correlaciona-se mais com o bridging social capital do que com o bonding social capital embora os valores sejam baixos. Segundo a tabela 5 a correlação entre o bridging capital social e a escolaridade é 0.22 e é, estatisticamente, significativa. A correlação entre o bonding social capital e a escolaridade (0.17) não é significativa. Este facto poderá indicar que a escolaridade permite o acesso ao conselho consultivo o que, conseqüentemente, aumenta a probabilidade de desenvolver o capital designado por “link” por Narayan (1997) o que, conseqüentemente, aumenta o bridging social capital.

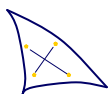
**Tabela 5: Correlações Entre o Capital Social, Humano e Índice de Posse**

		Capital Político	Capital Social	Capital Económico 2006	Escolaridade
Capital Político (bridging social capital)	Correlação de Pearson	1	.428(**)	.521(**)	.221(*)
	Sig. (2-tailed)	.	.000	.000	.029
	N	101	91	92	98
Capital Social (bonding social capital)	Correlação de Pearson	.428(**)	1	.385(**)	.170
	Sig. (2-tailed)	.000	.	.000	.114
	N	91	91	84	88
Capital Económico 2006	Correlação de Pearson	.521(**)	.385(**)	1	.406(**)
	Sig. (2-tailed)	.000	.000	.	.000
	N	92	84	92	90
Escolaridade	Correlação de Pearson	.221(*)	.170	.406(**)	1
	Sig. (2-tailed)	.029	.114	.000	.
	N	98	88	90	98

**Fonte: Inquérito aos Agregados Familiares nas Três Aldeias, Cruzeiro do Sul (2006)**

\*\* Correlação é significante no nível 0.01 (2-cortado).

\* Correlação é significante no nível 0.05 (2-cortado).



### 6.3. DESCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS AGREGADOS FAMILIARES DO QUINTO QUINTIL

O objectivo desta secção é de perceber o percurso dos agregados familiares do quinto quintil nas três aldeias estudadas a partir de histórias de vida. Partindo do conhecimento das características desses agregados, em cada aldeia, podemos perceber o seu percurso, as actividades que vêm desenvolvendo e os rendimentos que produzem que os fazem diferentes das outras pessoas da aldeia.

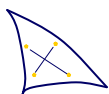
A maior parte dos estudos sobre a pobreza, em Moçambique, têm focalizado nos aspectos do consumo, de posse de bens e seus determinantes. Parte desse estudo foi descrita acima, seguiu essa linha de pesquisa. Essas pesquisas são relevantes porque chamam à atenção dos grandes problemas da vida familiar e comunitária. Contudo, esses estudos devem ser complementados por outras linhas metodológicas porque dizem pouco sobre as dinâmicas internas que estão na origem das muitas decisões que as pessoas e a comunidade tomam em diversas circunstâncias para sair da pobreza.

As histórias de vida, neste estudo, são importantes porque trazem a *émica*, isto é, a percepção dos entrevistados sobre a sua vida e a vida na comunidade. A *émica* contrasta com a *ética*, porque a *ética* é a percepção do pesquisador ou de outras pessoas externas a comunidade sobre a vida do entrevistado e de sua comunidade. Um aspecto que devemos enfatizar é a proximidade das aldeias às estradas principais, aos recursos hídricos e ao interior da aldeia. A variável geográfica não é a única que determina a riqueza ou pobreza da família ou da comunidade. Esta tornou-se importante nas aldeias onde estudamos porque permitiu o entendimento dos processos de tomada de decisões no interior das famílias quanto ao que se deve produzir, a quantidade dos produtos e os locais onde se podem vender os produtos.

Um estudo que se tornou clássico sobre o camponês na Polónia mostrou a utilidade e validade das histórias de vida na recolha de dados (Thomas e Znaniecki 1918-1920). Em contraste Queiroz (1988:15) argumentou que a história de vida mostra apenas um aspecto parcial da realidade; assim sendo, não pode ser usada, isoladamente, mas deve ser combinada com outros métodos. Compartilhamos com a visão de Queiroz (*idem*) de que as histórias de vida devem ser analisadas em relação a outros dados recolhidos. E foi seguindo o ponto de vista de Queiroz que desenvolvemos a parte das histórias de vida neste estudo.

Em termos gerais, as pessoas entrevistadas consideradas ricas, nasceram na aldeia, viveram ou trabalharam fora da aldeia, têm familiares a viverem fora da aldeia que enviam remessas e ajudam nos momentos de crise, têm a idade compreendida entre os 30 a 40 anos. Todos têm educação formal o que provavelmente facilita maior comunicação com o mundo exterior a aldeia. A maior parte dos agregados familiares do quinto quintil já estiveram fora da aldeia por motivos de trabalho, mudança de seus familiares para outras províncias ou em países africanos.

Notamos que os agregados familiares do quinto quintil têm relações familiares próximas no âmbito do conceito de família alargada. Isto contrasta de certa maneira com a ideia de que a



rede endógena, num contexto rural, constitui um factor limitativo para o surgimento de empreendedores, ou seja de ter pessoas com atitude diferente, relativamente, à maioria das pessoas na aldeia que podem produzir riqueza. Continuando com a caracterização dos agregados familiares do quinto quintil, podemos dizer que são homens casados, sendo alguns deles envolvidos em casamento bígamo ou poligâmicos. As normas sociais que constituem as relações sociais definem a infidelidade sobretudo a masculina como uma normalidade. Como alguns entrevistados relataram, entre os agregados familiares do quinto quintil encontramos raros casos de mulheres empreendedoras.

Apesar de ser raro encontrar mulheres empreendedoras, há uma viúva que para além de ter machambas, dá emprego a outras pessoas na aldeia e houve a oportunidade de verificar que vende nipa<sup>4</sup>. Contudo, gostaríamos de frisar que o facto de não encontrarmos mulheres ricas comparadas aos homens, nas três aldeias, pode ser pelo facto das mulheres não aceitarem dizer, publicamente, que têm bens materiais. As mulheres diziam, frequentemente, que os homens são os que possuem bens materiais. Talvez porque as mulheres se sentiram mais seguras ao não revelarem sua riqueza. Do que podemos observar as mulheres sentem-se mais respeitadas se mostrarem que têm um homem em casa que cuida de seus bens.

De acordo com as práticas culturais dos makwas do interior, as mulheres e sua família detêm terras e outros bens como: animais de pequeno porte e capulanas. Quando essas mulheres se casam, em geral a sua família não aceita que ela demonstre que tem mais bens do que o marido. Existe uma expressão *othithimiha*, que quer dizer dar prestígio a. Assim, acredita-se que a mulher makwa que demonstra que tem mais bens materiais do que o seu marido pode levar a uma perda de prestígio do marido na sociedade onde ela esta integrada.

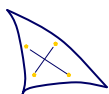
### 6.3.1. RICOS VIVENDO NUMA ALDEIA PRÓXIMA DA ESTRADA NACIONAL

Consideram-se ricos os agregados familiares que pertencem ao quinto quintil da distribuição da variável índice de posse. Isto é, os 20% com maior índice de posse.

A seguir apresentaremos as histórias de vida de dez agregados familiares do quinto quintil que mostram como estes passaram a ser diferentes das outras pessoas da aldeia. Passamos a relatar a história de Rafael Jamal:

*Nasci em Ghiote e toda a minha família também nasceu em Ghiote. Tenho a 11ª classe. Estudei em Ancuabe, Marire e na Cidade de Pemba. Quando eu estava a estudar na 9ª classe fiz especialização para ser professor em Montepuez porque era um dos bons alunos. Tenho três irmãos com o nível de escolaridade de 10ª, 11ª e 12ª classes. A minha família ajudou-nos a estudar. Os meus pais eram camponeses. Eles produziam: gergelim, algodão e feijão que vendiam para ajudar na nossa educação. Tenho três filhos: Um vive na aldeia, duas vivem em Pemba e estão a estudar. Tenho uma machamba de gergelim e sou professor, numa escola primária [pública], em Pemba.*

<sup>4</sup> Nipa ou tom tom tom é uma bebida alcoólica feita a base de cana de açúcar, farelo de milho ou frutas.



Rafael tem aproximadamente 40 anos de idade. Um dos seus irmãos é funcionário do Aparelho de Estado em Maputo. Este irmão costumava mandar dinheiro para ajudar a família que ficou em Ghiote. As vezes Rafael beneficia-se da ajuda monetária que o irmão disponibiliza. A irmã dele, que é professora no distrito de Chiúre, também ajuda a família enviando remessas.

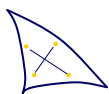
Para além de ser professor e camponês, Rafael tem uma loja na aldeia de Ghiote e uma banca em Pemba, onde vende produtos de primeira necessidade. Rafael também desenvolve outra actividade rentável durante a noite: passa vídeo nas traseiras de sua loja em Ghiote. Os vídeos são de acção e muitas vezes sem legenda. Para chamar a atenção das pessoas a passagem de vídeo, Rafael pendura cartazes durante o dia mostrando os vídeos que vão ser exibidos à noite. À noite Rafael põe as colunas de som do vídeo num ponto alto da casa para, com o volume, atrair clientes. Na altura da entrevista, Rafael tinha planos de continuar a estudar na Universidade de Pemba para fazer o curso de direito. Rafael é sobrinho de Fernando Saipo, o camponês mais rico da aldeia de Ghiote.

Um entrevistado que achamos interessante, por ter conhecido vários países africanos antes de viver, definitivamente, em Ghiote, é Assane Abudo de 73 anos de idade, que contou:

*O meu pai nasceu em Ghiote. Ele era comerciante. Eu nasci em Ghiote. A minha mãe também nasceu em Ghiote e era camponesa. Como meu pai era comerciante tive a oportunidade de viajar para outros países como: Malawi, Tanzânia, Zanzibar, Paquistão, Kénia e Egipto. No Egipto, eu estudei na Escola Islâmica onde tirei o curso de escrivão. Quando voltei para Moçambique, em 1994, trabalhei como motorista na Direcção Provincial de Saúde, em Pemba. Agora já estou reformado. Dedico-me à agricultura e à criação de animais como: cabrito e galinha.*

Assane é polígamo. Tem três mulheres e 18 filhos. Todos filhos vivem fora da aldeia. Um dos seus filhos é piloto das Linhas Aéreas de Moçambique. Para além de receber remessas dos filhos, ser camponês e curandeiro de renome na aldeia de Ghiote, Assane aluga bicicletas, ao preço de 30.00 Mtn (trinta meticais) por dia às pessoas que precisam transportar seus produtos da machamba para casa, ou para às pessoas que pretendem ir ao hospital ou ainda para as pessoas que precisam fazer compras na vila.

No entanto, Assane empresta bicicletas às pessoas que considera pobres, na aldeia, porque como ele disse: “como religioso também tenho que fazer caridade”. Assane é um rico que conseguiu resolver os seus problemas e os da comunidade. Assane tem uma casa grande, machambas na margem da estrada, o que permite vender rápido os seus produtos e também tem machambas próximo ao rio, que o permite ter produtos agrícolas e hortícolas em todas as épocas do ano. Apesar de fazer criação de animais, estes não são para vender. Assane consome os animais que cria nos dias festivos, quando os filhos que vivem fora da aldeia o visitam ou quando recebe outras visitas. Assane é pai de Rafael Jamal e é cunhado de Fernando Saipo.



Outro entrevistado que consideramos ter iniciativa ou atitude diferente a de muitas pessoas na aldeia é Bacar Yassine, de aproximadamente 35 anos de idade, casado e é pai de um filho. Bacar disse:

*Tenho a 4ª classe. Nasci em Ghiote. Sou professor em Ancuabe e trabalho como alfaiate, desde 1998. Costumo vender a roupa que faço em Ancuabe. Por exemplo, o preço que cobro para o concerto de umas calças é de 10.00 Mtn (dez meticais).*

Bacar não é o único alfaiate na aldeia. A diferença entre os vários alfaiates e Bacar é que este mora na parte da aldeia onde vivem pessoas consideradas ricas. Onde pode ter clientes com garantia de pagar os seus serviços. Bacar também vende seus produtos fora da aldeia. Para além de ser professor e alfaiate, Bacar trabalha, nas horas livres, para a Empresa Coorative Muratori e Carpentieri (CMC), na abertura de uma estrada que liga a cidade de Pemba com o distrito de Montepuez. Podemos dizer que apesar de ter o nível de escolaridade baixo, Bacar tem ideias de como pode melhorar a sua vida.

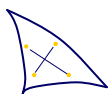
Passemos para outra história de vida. Fernando Saipo, de aproximadamente 40 anos de idade, polígamo, sem filhos porque faleceram quando eram pequenos. É considerado rico entre os residentes da aldeia de Ghiote porque tem várias machambas, dá emprego a outras pessoas e vende madeira em Pemba. Fernando contou:

*Os meus pais sempre tiveram muita terra e costumavam vender os produtos que produziam para pessoas na aldeia, pessoas que estavam de passagem na estrada e às vezes vendiam os produtos em Pemba. Nasci em Ghiote. Tenho a 1ª classe, mas não falo português. O meu pai era carpinteiro e tinha seis trabalhadores. Eu sou trabalhador como meu pai. Tento seguir o caminho que o meu pai deixou.*

Para além de várias machambas onde produz para consumo e venda, Fernando é serralheiro. Também tem licença para vender madeira na sede do distrito. Quando pode alugar um carro também vende a madeira em Pemba. Fernando aprendeu a conduzir sozinho. A ligação de Fernando com Pemba é antiga. Porque trabalhou em Pemba durante três anos.

Depois de três anos Fernando voltou para Ghiote e nunca mais saiu de lá. Apesar de não ter filhos, Fernando usa parte dos rendimentos que ganha para ajudar familiares como: sobrinhos, a estudarem e a fazerem cursos em outras províncias. O facto de Fernando não ter filhos e ser um dos homens mais ricos na aldeia constitui algo de questionamento. As pessoas dizem que sua riqueza advém da morte de seus filhos. Ou seja que Fernando tenha, provavelmente, usado bruxaria para ser rico.

No entanto, a explicação de Fernando é que os filhos morreram vítimas de uma doença que inchava a barriga. No entanto as pessoas não reflectem sobre as causas que levaram à morte dos três filhos. Por exemplo: pode ser que a água do poço tradicional que os adultos usam para beber era imprópria para as crianças. Na aldeia de Ghiote há problemas sérios de água potável. A forma como as pessoas pensam sobre a riqueza de Fernando pode desmotivar



outras pessoas a trabalharem para serem ricas. Porque uma pessoa rica pode ser vista como bruxo ou feiticeiro.

Um aspecto que nos chamou a atenção, na casa de Fernando, é a exposição de uma foto na porta frontal com vários jovens a receberem diploma. Quando perguntamos quem eram os jovens da foto. Fernando respondeu que eram amigos do sobrinho com o sobrinho no dia da sua graduação do curso de informática. A foto estava pendurada para as pessoas da aldeia saberem que o sobrinho terminou o curso. Pode ser que a atitude de Fernando, de pendurar a foto do sobrinho na porta frontal de sua casa, fosse para motivar outras famílias a deixarem seus filhos ou familiares a estudarem fora da aldeia. Ou pode ser que sua atitude seja uma maneira de aumentar seu prestígio na aldeia visto que ele próprio não teve oportunidade de continuar com os seus estudos.

Em suma, os ricos que vivem próximo da estrada nacional tem mais possibilidades de vender os seus produtos e de saírem fora da aldeia

### 6.3.2. GRUPO DOS MAIS RICOS NO INTERIOR DA ALDEIA

Um entrevistado rico e que apostou na venda de tabaco é João Marufo que disse:

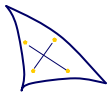
*Nasci em Napacala mas vivi em Tanzânia entre (1966-1976) quando o meu pai foi estudar na madrassa<sup>5</sup> e levou minha mãe, meus irmãos e eu para viver com ele. Quando voltamos a Moçambique fomos viver em Mepica. A partir de 1998 passei a morar em Napacala porque casei-me com uma mulher desta aldeia. Tenho a 4ª classe e sou camponês. Cultivo tabaco porque dá muito dinheiro do que algodão e gergelim. Minha família já fazia tabaco e algodão e eu continuo com a mesma actividade.*

João comentou que a maioria das pessoas da aldeia não fazem tabaco porque a produção de tabaco dá muito trabalho. Mas também porque as boas terras para o cultivo do tabaco ficam nas zonas altas da aldeia. Isto é, nas montanhas onde há facilidade de encontrar água para o regadio do tabaco mas também são locais de difícil acesso. Um constrangimento principal que faz com que muitas famílias não apostem no cultivo do tabaco é a falta de comerciantes sérios. Os comerciantes só compram tabaco com folhas inteiras e bem cuidadas. Isso significa que o camponês com tabaco que não corresponde às exigências que o comerciante quer pode ver o seu tabaco estragado, por falta de comprador. Ou pode vender o seu tabaco a um preço abaixo do que o mercado compra.

É por esta razão que a atitude de João em produzir e vender tabaco não é comum entre as pessoas originárias de Napacala. Apesar do tabaco dar mais dinheiro<sup>6</sup>. Em poucas palavras, as pessoas que produzem tabaco na aldeia são pessoas vindas de Maúa após o término da guerra civil. Os produtores de tabaco, na aldeia de Napacala, estão organizados para a venda de

<sup>5</sup> Chama-se Madrassa a Escolas Corânicas.

<sup>6</sup> Um hectare de plantação de tabaco equivale a quatro sacos de tabaco, que na altura do trabalho de campo, podia ser vendido a um preço de 750.00 Mtn (setecentos e cinquenta meticais).



tabaco a comerciantes da empresa Tobacco Leave e outros comerciantes que têm aparecido na aldeia.

Ainda na aldeia de Napacala encontramos Paulo Amosse, de aproximadamente 30 anos de idade, casado e é pai de quatro filhos. Paulo contou:

*Nasci em Napacala e toda a minha família também nasceu aqui. Tenho a 8ª classe e estudei na aldeia, na sede do Distrito de Cuamba e depois em Pemba onde meu primo materno era Director da Escola. Em Pemba vivi em casa de meu primo. Quando terminei a 8ª classe fui a Pemba cumprir o Serviço Militar Obrigatório durante seis anos. Em 1993, voltei a Napacala onde me casei.*

Paulo tem várias machambas onde produz amendoim, milho, feijões, fruta, e hortícolas. Também cria animais como: cabritos, patos e galinhas. Antes do preço do tabaco baixar também produzia tabaco. Agora que a empresa Tabaco Leave paga o que não satisfaz aos camponeses, Paulo pensa que pode ter mais lucros se produzir algodão e milho. Para além de camponês, Paulo é professor de alfabetização na aldeia. Paulo soube da possibilidade de dar aulas através da rádio Moçambique. Paulo é irmão de Dinis Amosse de quem também recolhemos sua história de vida por ser considerado rico. Dinis Amosse, de 20 anos de idade disse:

*Sou camponês mas a três anos que abri uma barraca onde vendo produtos básicos. Nasci em Napacala e toda a minha família também nasceu aqui. Abri a barraca através da venda dos produtos da minha machamba. Poupei e consegui comprar sal e óleo em Cuamba, onde usava como meio de transporte a bicicleta. Depois o negócio cresceu e comecei a vender: capulanas, doces e peças para bicicletas.*

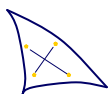
Dinis afirmou que para melhorar a vida é preciso ter duas mulheres para ter muita machamba, trabalhar muito e sacrificar-se um bocado. Dinis paga imposto dos negócios que faz. Apesar de fazer suas compras na cidade de Cuamba, Dinis nunca viveu fora da aldeia. O facto de ser jovem e polígamo faz com que as pessoas de sua aldeia não o respeitem. Porque de acordo com as pessoas entrevistadas, ser polígamo é coisa para homens experientes que têm algo para partilhar com suas mulheres e filhos.

Entretanto, Ângelo Atocuene, de aproximadamente 35 anos de idade, casado, pai de quatro filhos, não considerado rico mas que foi capaz de organizar os camponeses de Napacala para fundar a Associação dos Camponeses de Napacala. Ângelo contou:

*Tenho a 7ª classe que fiz em Cuamba. Sou camponês e presidente da Associação dos Camponeses de Napacala. Nasci em Napacala. Fiquei presidente da associação quando uma ONG moçambicana OGAGE procurava uma pessoa, na aldeia, para mobilizar os camponeses a se organizarem em sete associações. O mwene<sup>7</sup> indicou-me. E eu fiz o trabalho.*

---

<sup>7</sup> Mwene expressão Emakwa para dizer rei.



Apesar da ideia de criar uma associação não ter bases endógenas, Ângelo criou sete associações de camponeses indo a pé ao encontro das pessoas e mobilizando os camponeses a aderirem a associação. Depois foi ao Instituto Nacional para Acção Social (INAS), em Cuamba, para pedir apoio financeiro para comprar sementes e instrumentos de trabalho como: enxadas e catanas para a associação. No INAS, Ângelo conseguiu um subsídio mensal de 150.00 Mtn (cento e cinquenta meticais) para cada membro, do qual poupam 50.00 (cinquenta meticais) para os momentos de crise.

A Associação dos Camponeses de Napacala tem machambas de demonstração, onde os camponeses semeiam culturas para experiência, e machambas colectivas onde produzem para comercialização. Uma vez por semana, os membros da associação têm uma reunião de balanço para apresentação das dificuldades que os camponeses encontram durante o trabalho. Ângelo notou que a Associação dos Camponeses de Napacala é diferente das demais associações porque a associação produz para vender e outras associações de camponeses não fazem o mesmo.

Apesar de serem considerados ricos, os grupos dos mais ricos no interior da aldeia têm tido muitas dificuldades de escoarem os seus produtos porque não existem estradas ou as estradas ficaram destruídas.

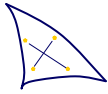
### 6.3.3. A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS HÍDRICOS

Para além dos ricos viverem numa aldeia com abundância de recursos hídricos, encontramos poucas pessoas que conseguem desenvolver agricultura, viver dela e acumular riqueza. Dentre os ricos que encontramos, Teodoro Cavarro, de aproximadamente 50 anos de idade. Polígamo e pai de 18 filhos disse:

*Sou camponês e régulo desta aldeia. Nasci em Namiope. O meu irmão também foi régulo indicado pelos portugueses. Quando eu morrer o meu sobrinho vai me suceder. Tenho quatro mulheres. Cada uma tem três machambas. Os produtos que elas cultivam vendo para comprar roupa, sabão, sal e óleo. Por causa da tarefa de régulo recebo um valor de 750,00 MT (setecentos e cinquenta meticais). Quando há problemas com alguma família na aldeia resolvo e elas agradecem com géneros alimentícios ou dinheiro.*

A riqueza de Teodoro provem, principalmente, do facto de ser régulo do que pela actividade de camponês. Tradicionalmente, a família de Teodoro é quem exerce poder na aldeia de Namiope mesmo antes da chegada dos portugueses. A família detém uma vasta porção de terra que, em muitos casos, emprestam ou arrendam a outras pessoas como, por exemplo: recém casados, recém chegados na aldeia e pessoas interessadas em explorar a terra.

Outro senhor considerado rico é Francisco Xavier, de aproximadamente 36 anos de idade, casado. Pai de nove filhos. Francisco afirmou:



*Nasci em Namiope. Frequentei o Ensino Primário na Missão Santa Fátima até a 3ª classe. Mais tarde voltei para a mesma escola e aprendi serralharia. Durante a minha juventude vivi em Nampula onde exerci diversas actividades. Após a Independência, voltei para Namiope onde tornei-me agricultor. Agora tenho 18 hectares de terra, junto ao rio, onde cultivo milho, hortícolas, mapira, feijão nhemba, mandioca, amendoim, arroz e algodão.*

As terras que Xavier tem pertenceram ao seu bisavô que produzia, principalmente, algodão. Para evitar conflitos posteriores, Xavier deu início ao processo de legalização das terras que herdou do bisavô. Comparando os tempos passados com os actuais, Xavier disse que, antigamente, muitos camponeses produziam arroz e algodão porque podiam vender estes produtos com facilidade. Actualmente, os camponeses não produzem arroz e algodão porque a empresa João Ferreira dos Santos (JFS) e a Companhia Algodoeira de Nampula (CAN) que compravam os produtos já não o fazem.

Outra dificuldade que os camponeses enfrentam é o transporte. Para lavrar uma machamba precisam de alugar um tractor e transportar os produtos até ao comerciante. Xavier afirmou que a questão é que antes da independência de Moçambique, sempre se pagou tudo, nada era de graça, mas haviam lojas onde compravam os produtos. Xavier sente falta de lojas para vender produtos e pensa que, na aldeia, necessita-se de comerciantes que comprem os produtos a preços justos.

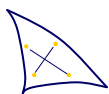
Xavier contou que tem uma machamba junto ao rio que não está a fazer uso dela por falta de meios (tractor e dinheiro). Já tentou pedir crédito a Olipa, uma ONG nacional que concede crédito nas zonas rurais, para construir um sistema de rega e pagar o aluguer de tractor, mas não lhe foi concedido o crédito porque a Olipa não tinha disponibilidade de fundos para aquele período. Para além da agricultura, Xavier é artesão: faz tambores de água e regadores<sup>8</sup>. O número de tambores e regadores produzidos por Xavier varia de acordo com as encomendas que recebe.

De acordo com o percurso de Xavier é possível notar que este não é um camponês típico. Porque para além da agricultura e de se preocupar com o aumento da produção, aumentando as machambas, Xavier já tentou pedir crédito para melhorar a qualidade de sua produção. Um aspecto interessante na história de Xavier é que para além de produzir culturas para subsistência também produz culturas de rendimento, o que lhe dá possibilidade de vender e poupar algum dinheiro.

Verifica-se que na aldeia de Namiope os recursos hídricos têm influências preponderantes porque permitem aos agregados familiares de venderem os seus produtos em épocas não chuvosas.

---

<sup>8</sup> Xavier adquire o material para o fabrico destes utensílios na cidade de Nampula. Vende os tambores a um valor de 50,00 Mt (cinquenta meticais) e os regadores a 100,00 Mt (cem meticais).



## 7. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS DE VIDA

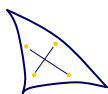
As histórias de vida constataram que:

Os níveis mais altos de capital económico dos agregados familiares do quinto quintil são mais altos porque em todos os casos ostentam maior capital social. Mas é necessário referir que a maioria deles ostenta o capital social considerado “bridging social capital” na medida em que na sua maioria já viveram ou trabalharam fora da aldeia. Encontramos um caso dum agregado do quinto quintil que viveu fora do país. O facto de terem tido experiência de vida fora da aldeia é a característica em comum de todos os agregados do quinto quintil. Estes, apesar de terem níveis educativos bastante diferentes, terem tido acesso a outra realidade fora do meio rural, permitiu adquirir uma abertura mental e conhecimentos que os outros da aldeia não ostentam. Assim, podemos afirmar que o capital social é essencial para as atitudes empreendedoras, mas este capital social se refere a àquela oportunidade que tiveram esses indivíduos de viverem fora da aldeia. A partir daí muitos destes agregados do quinto quintil estabelecem relações para além da aldeia que têm incidido na possibilidade de abrirem negócios, ou realizarem actividades para além da actividade agrícola.

Outros factores que têm peso na formação do agregado familiar do quinto quintil são por um lado, os laços familiares que mantêm entre estes indivíduos mais ricos, por outro lado a posição social no seio da aldeia, isto é, o “bonding social capital”. Assim, as pessoas **que nunca saíram da aldeia, e são agregados do quinto quintil pelo facto de terem laços familiares com outros agregados do quinto quintil com “bridging social capital”, ou porque ostentam uma posição social de status no seio da aldeia têm mais possibilidade de serem empreendedores.**

As atitudes empreendedoras surgem através de referentes familiares, e portanto aqueles indivíduos cujos parentes sejam empreendedores têm mais possibilidades de adquirir também este tipo de atitudes. Aqueles indivíduos com maior status social na aldeia costumam a acumular mais posses, quer pela possibilidade de ser polígamos, quer pelo prestígio que se lhes confere. Algumas pessoas com prestígio na aldeia, como é o caso da apuiamwene, costumam a receber bens materiais em forma de agradecimentos aos problemas que conseguem resolver.

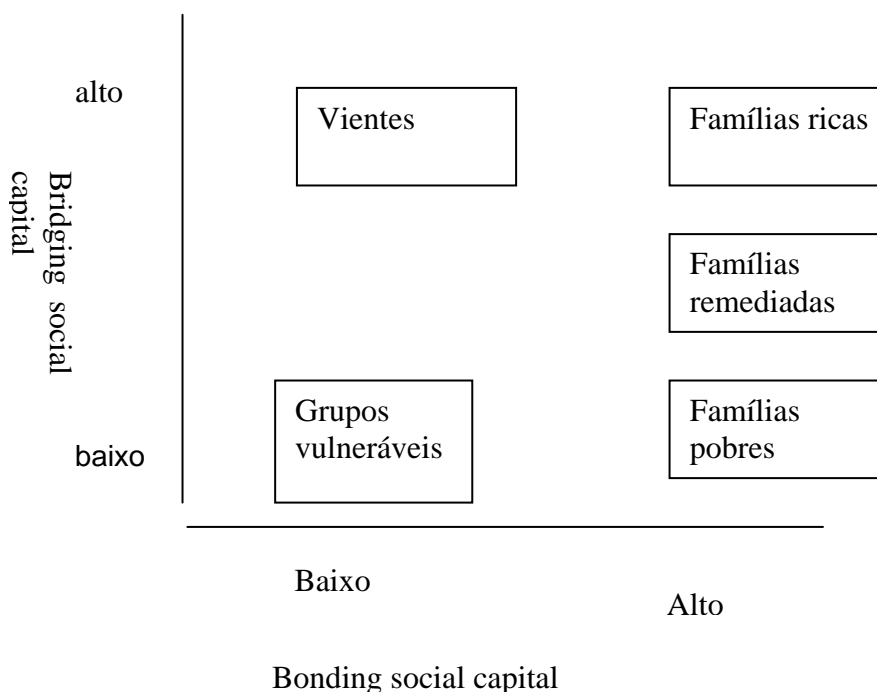
O gráfico 3, p. 28 apresenta uma tipologia da estrutura de relações entre as diversas categorias de famílias. Assim temos no eixo horizontal o “bonding social capital” e no eixo vertical o “bridging social capital”.



### Gráfico 3

A dinâmica Sócio Económica das Famílias Rurais

Disputando Entre o “Bonding” e o “Bridging Social Capital”

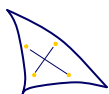


Onde:

- “Bonding” – refere-se solidariedade
- “Bridging” – significa inovação, abrangência e mudança
- “Vientes” – arriscam mas propõem novidades e serviços de renda incerta
- Famílias pobres – trocam iniciativas por renda segura proposta via risco e incerteza assumida por famílias ricas.
- Famílias remediadas diversificam as actividades mas têm relativa aversão ao risco.
- Grupos vulneráveis – não se bastam a si próprios não têm ou têm poucas opções de escolha

As famílias mais ricas têm tendência a ter um alto “bridging social capital” e um alto “bonding social capital”.

As famílias pertencentes ao terceiro e quarto quintis da distribuição do índice de posse (designados por remediáveis) têm, geralmente, um alto “bonding social capital” mas um menor “bridging social capital”. Estas famílias possuem algumas posses, mas uma aversão ao risco o que, conseqüentemente, limita a sua capacidade de investir. Esta aversão poderá ter como causa o facto do tecido institucional (redes sociais) a nível micro estar pouco desenvolvido e ter poucas ligações com o Estado. Isto é, não existem a nível local instituições



que possam servir de apoio de forma a que elas estejam mais seguras e tenham menos aversão ao risco.

Os vientes ou emigrantes têm uma maior disponibilidade a assumir o risco e são propensos a inovação, pois não possuem o “bonding social capital” para a sua protecção. Os vulneráveis são os que estão em situação crítica, pois estão em constante situação de emergência.

Contudo há alguns indicativos de que o tecido social poderá melhorar. Pois a implementação dos conselhos consultivos permitem o estabelecimento do diálogo e novas ligações entre o Estado e as comunidades. Ainda há constrangimentos. Resultados de uma pesquisa levada a cabo pela Austral Consultores (2006) mostra que há uma “correlação entre o conhecimento das Instituições de Participação Consultiva das Comunidades (IPCC), conhecimento dos planos distritais, percepções de corrupção, níveis de educação, pagamento de impostos e género” que torna-se um aspecto importante da participação das comunidades ao nível dos distritos.

A profissão que passa de geração em geração e o facto de pertencer a uma família trabalhadora, constituem elementos importantes na aquisição de capital social.

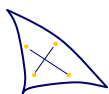
Através das histórias de vida das famílias consideradas ricas ou dos agregados familiares do quinto quintil nas três aldeias constatamos que as pessoas que têm atitudes a mudanças são pessoas que desenvolvem actividades que suas famílias desenvolviam. Alguns dos agregados familiares do quinto quintil já estiveram fora da aldeia ou fora de Moçambique o que significa que adquiriam outras experiências que os permitiram inovar na aldeia.

## **8. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

O estudo sobre a “Análise Multidimensional da Pobreza em Três Aldeias do Norte de Moçambique (Final) vem confirmar o que constatamos nos dados quantitativos e qualitativos do estudo sobre a “Análise Multidimensional da Pobreza em Três Aldeias do Norte de Moçambique (Parte 1) de 2005 que concluiu que:

As assimetrias no acesso ao capital económico são, fundamentalmente, explicadas pela variabilidade dentro da aldeia do que entre aldeias, isto é, a média do índice de posse, proxy do capital económico, entre as aldeias não varia, significativamente, contudo dentro de cada aldeia o índice de posse médio do primeiro quintil é acima de 50 vezes o do quinto quintil.

Nas três aldeias existem níveis de acesso às infraestruturas sociais a nível distrital muito diferentes. Por exemplo, as aldeias de Napacala (Niassa) e Namiope (Nampula) têm acesso directo à estrada nacional e centros urbanos, enquanto que Ghiote (Cabo Delgado) está muito distante do acesso a estradas e centros urbanos. Em relação ao acesso à saúde só Ghiote não possui posto de saúde na aldeia. E em relação ao acesso à saúde na capital do distrito, em Cuamba, existe um hospital enquanto que nas outras duas capitais de distrito (Murrupula e Ancuabe) só existe centro de saúde. Relativamente à Educação é de destacar que uma das aldeias está situada num distrito com ensino superior (Cuamba), enquanto que nos outros



existe no máximo o EP2. Neste sentido, as diferenças entre as aldeias e os distritos são consideráveis, sendo a aldeia de Ghiote e o seu distrito, Ancuabe, o lugar com menos infra-estruturas.

Esta constatação faz reflectir sobre a eficácia das políticas de erradicação da pobreza, ao nível da aldeia, isto é, apesar de que há distritos com mais infra-estruturas sociais (educação, saúde, comunicação) não significa que as aldeias sejam mais ricas do que aquelas que se encontram em distritos com menos infra-estruturas. Isto indica que as estratégias de desenvolvimento com base nas infra-estruturas, não são suficientes para o desenvolvimento das aldeias e constata-se que é necessário outro tipo de intervenções para o desenvolvimento ao nível da aldeia e da família rural moçambicana.

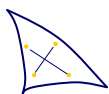
Contudo, o estudo sobre a “Análise Multidimensional da Pobreza em Três Aldeias do Norte de Moçambique (Parte 2) que teve como objectivo central testar a terceira hipótese pela qual: as redes sociais intracomunitárias não incentivam a atitudes para saírem da pobreza, e aumento dos rendimentos familiares. Só as redes sociais extra-comunitárias são capazes de levar a uma redução da pobreza. Concluiu que:

O tecido institucional a nível micro está pouco desenvolvido e tem poucas ligações com o Estado. Pode ser que com a descentralização do poder local, que tem como um dos objectivos centrais, o melhoramento do tecido institucional, permitirá que as famílias que têm bens e não podem sair fora da aldeia para os comercializar façam na aldeia. Se assim for não só as, elites locais poderão reproduzir-se mas também facilitará a mobilidade social.

As famílias mais ricas são as famílias mais influentes (via redes sociais intra e extra comunitárias). Os agregados familiares do quinto quintil apostam em actividades produtivas que os seus familiares idosos desenvolviam e tem tido sucessos. Os agregados do quinto quintil dispõem de um capital social que usam em seu benefício e da comunidade. O problema é que os recursos que existem nas aldeias são poucos que não chegam para distribuir para os membros da comunidade.

Os agregados familiares do terceiro e quarto quintis são os que mais predominam na aldeia. Entretanto, estes não têm tido possibilidades de empreender, por um lado, porque estes têm poucas redes intra e extra comunitárias, por outro lado porque o que produzem não chega para consumir e vender. Porém encontramos um caso de um agregado do quarto quintil que tem ideias de como sair da pobreza por ter criado associações de camponeses. Assim, o programa do governo que é o de apoiar a capacidade dos distritos torna-se, extremamente, relevante para que as comunidades se tornem cada vez mais fortes.

Os “vientes” são os que investem mais nas culturas que exigem muito trabalho. Em alguns casos estes apostam em culturas como o tabaco que exigem muito esforço e dedicação do camponês para produzir. Mas existe um problema de qualidade do tabaco produzido que não permite aos camponeses de terem ganhos maiores. Porque a Tobacco Leave que é a única empresa que subsidia e compra o tabaco exige que o mesmo tenha qualidades que muitas vezes a maioria dos camponeses não conseguem atingir.



Há presença pouco significativa de associações e cooperativas. As associações que encontramos são de camponeses e de poupança que têm bases endógenas mas que não são sustentáveis. As associações de camponeses são subsidiadas pelos programas do INAS por um certo período depois os camponeses não têm conseguido dar continuidade dos mesmos por falta de capacitação na gestão dos recursos que possuem.

Os grupos de poupança constituem uma realidade nas aldeias mas estes não são confiáveis porque só acontecem em épocas que os camponeses podem vender os seus produtos. Nas épocas que não há comercialização os grupos de poupança desaparecem. Isto quer dizer que a geração de rendimentos na comunidade não beneficia de fontes fora da família (por exemplo: Estado, Banca e Organização Não Governamental). Exceptuam-se as concessionárias

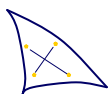
Assim, pensamos que as famílias mais desfavorecidas, se organizadas em associações, podem ser assistidas pelo estado (através de redes de extensão) e por organizações da sociedade civil que apoiam na capacitação de associações locais. Adicionalmente, existem pessoas consideradas pobres, materialmente, mas com ideias que podem ser úteis para a solução de problemas na aldeia. Estas pessoas devem ser motivadas e capacitadas de modo a aumentarem seus conhecimentos e participação na comunidade.

A falta de apoio do estado às famílias desfavorecidas cria dificuldades para a sua acumulação de riqueza de modo que permita o efeito dominó ou seja “triple down effect”.

Finalmente, a Estratégia de Desenvolvimento Rural (EDR 2006) pouco trata sobre o capital social, aspecto importante para perceber as relações intra e extra familiares que contribuem para mudanças de atitudes para a produção de riqueza. A EDR cinge-se, principalmente, em questões de nível macro do capital humano como a educação e a saúde.

Um dos objectivos da EDR é de “assegurar que as políticas e programas nacionais assumam uma natureza explicitamente pró-rural, com vista a gerar mudanças no actual padrão de acumulação de capital na economia nacional que permanece profundamente favorável à economia urbana” (2006:ii). Mas a EDR pouco deixa claro sobre como as famílias rurais podem acumular capital para alimentar a economia das famílias rurais.

A EDR tem como determinantes do desenvolvimento rural “o padrão de acumulação de capital na economia e a necessidade de alterar o contributo das zonas rurais, quase sempre e principalmente de fonte, e muito raramente e extremamente pouco como destino e beneficiário do processo de acumulação” EDR (2006:15. Esta filosofia parece ir contra os resultados dos estudos ao nível micro que mostram uma dinâmica local própria. Em que famílias pertencentes aos primeiro e quinto quintil, isto é, sem possibilidade de acumular capital fiquem fora do processo de desenvolvimento.



## RECOMENDAÇÕES

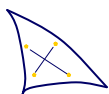
As recomendações saídas do nosso estudo são de dois tipos que se complementam: o primeiro tipo diz respeito ao melhoramento de políticas de apoio aos diferentes níveis da comunidade (isto é, famílias pobres, famílias na média e famílias ricas) e a segunda recomendação diz respeito ao processo de apoio para a redução da pobreza.

A maior parte dos agregados do quinto quintil têm um nível de escolaridade maior e viveram ou trabalharam fora da aldeia e ainda se mantêm na aldeia. O governo deve criar incentivos para que estes agregados continuem a ser fonte de referência para outros agregados na aldeia. Dado que estes agregados dão emprego a outros indivíduos na aldeia e trazem inovações que podem ser aproveitadas por outros membros da aldeia.

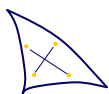
Ainda ao nível da educação, apesar do governo ter abolido matrículas e reprovações da 1ª a 7ª classe, o Estado deveria criar incentivos para as pessoas que têm um nível de escolaridade de 12ª classe para se sentirem motivadas a se manterem na aldeia dado que estes podem dar contributo maior para a redução da pobreza ao nível local. Caso contrário teremos sempre migrações do campo para as cidades não permitindo assim o rápido crescimento do campo.

Através do programa de apoio aos distritos, do governo, é possível reconhecer e apoiar as famílias originárias da aldeia, porque são elas que conhecem a terra e também desenvolvem actividades que podem levar a minimização da pobreza.

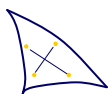
É necessário que o governo crie condições (através de associações e ONG's que trabalham ao nível da base) para que os camponeses tenham incentivos materiais ou crédito para o cultivo de tabaco ou de outras culturas que dão rendimentos maiores aos camponeses. Porque as culturas do algodão e gergelim desenvolvidas pelos camponeses não dão rendimentos que produzem lucros maiores.

**REFERÊNCIAS:**

- Austral Consultores (2006). *Boletim do Cidadão: Participação Comunitária na Participação Distrital. Relatório Preliminar nos Distritos de Ribaué e Sussundenga*. Maputo: Austral Consultores.
- Coleman, J. (1988). “Social Capital in the Creation of Human Capital” *Journal of Sociology* 94: 95-120.
- Cruzeiro do Sul (2006). *Avaliação da Percepção dos Cidadãos sobre os Serviços de Utilidade Pública nos Municípios da Ilha de Moçambique e Monapo – Citizen Report Card*. Maputo: Cruzeiro do Sul – Instituto de Investigação para o Desenvolvimento José Negrão.
- Estratégia de Desenvolvimento Rural (2006-2025)*. Maputo: Ministério da Planificação e Desenvolvimento/Direcção Nacional de Promoção do Desenvolvimento Rural
- Granovetter, M. (1973). “The strength of weak ties” *American Journal of Sociology*, 78(3): 1360-1380.
- Grootaert, C. (2001). “Do Social Capital Help the Poor? A Synthesis of Findings from the Local Level Institutions Studies in Bolívia, Burkina Fasso and Indonésia” in *Local Level Institutions Working Papers no 10*, Washington DC: World Bank.
- Knack, S. (1999). “Social Capital, Growth and Poverty: A Survey of Cross-Country Evidence” *Social Capital Initiative*. Working Paper no 7, Social Development Department, Washington DC: World Bank.
- Narayan, D. and Pritchett, L. (1997). “Cents and Sociability: Household Income and Social Capital in Rural Tanzania” in *Police Research*. Working Paper no. 1796, Washington DC: World Bank.
- Portes, A. (1998). “Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology” *Annual Review of Sociology* 24: 1-24.
- Queiroz, M. (1988). “Experimentos com Histórias de Vida” in *Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais*, pp. 14-41. São Paulo: Vértice.
- Thomas, W. & Znaniecki, F. (1918-1920). *The Polish Peasant in Europe and America* (2<sup>nd</sup> ed.). Chicago: University of Chicago Press.



## **ANEXOS**



## 1. TABELAS USADAS NO CÁLCULO DO CAPITAL SOCIAL

**Tabela no 1:**

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		.705
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	87.834
	df	15
	Sig.	.000

**Fonte:** Fonte: Inquérito aos Agregados Familiares nas Três Aldeias, cruzeiro do Sul (2006)

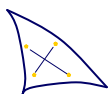
**Tabela no 2: Total Variance Explained**

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	2.427	40.451	40.451	2.427	40.451	40.451
2	.976	16.270	56.722			
3	.896	14.929	71.650			
4	.695	11.586	83.237			
5	.554	9.235	92.472			
6	.452	7.528	100.000			

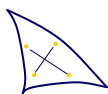
**Fonte:** Extraction Method: Principal Component Analysis.

**Tabela no 3 : Famílias Do Primeiro e Quarto Quintis nas Três Aldeias**

		2006ce	2005ce	
G11	1	3.23679	1.2004	Fernando Saibo
NC14	2	2.49779	0.28092	Carlos Bitão
N4	4	2.07025	1.56949	Pedro Cuneres
G12	1	2.00916	0.0273	Agostinho Jamal
N12	4	1.76877	1.06938	João Marufo
NC2	2	1.72798	2.91148	Teodoro Cláudio Cavarro
NC20	2	1.57734	0.16774	Pedro Henriques
NK2	3	1.42399		Alberto Rabi Impar
NC12	2	1.32514	0.66828	Francisco Xavier
NC5	2	1.16358	0.66551	João Rico
NK4	3	1.13662	-0.84958	António Chirahole
NC8	2	1.11628	0.66551	Zacarias Pedro Nacair
NK19	3	1.06343	-0.28973	Armando Rafael
G9	1	0.96251	-0.6327	Jacinto Mussa

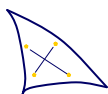


N20	4	0.95417	1.56087	Carlos Wilson
NK18	3	0.9018	1.42235	Alfredo Mania
NC4	2	0.8504		Sida Joaquim
N7	4	0.84815	0.64019	Tomas Jamessone
NK1	3	0.81903	2.9973	João Vachaneque
NC15	2	0.78446	0.37398	Alberto Treze
NC7	2	0.78083	-0.63014	Muliha Ernesto
N17	4	0.73501	1.59161	Silvestre Diquisone
G15	1	0.73201	-0.8778	Felix Nehere
NC9	2	0.6969	0.03874	Francisco Picata
N18	4	0.69634	0.38582	Warice Jacuti
NK16	3	0.65358	1.49431	Francisco Rorroxe
NK15	3	0.63557	0.12369	Rosário Meques
NC10	2	0.54456	-1.02588	Emilia Nicua
N16	4	0.45278	1.39978	Paulo amosse
G24	1	0.449	-0.174	Celestino Assane
G19	1	0.42624	-0.5679	Animo Silali
N3	4	0.33036	0.2862	Siraque Amade
NK11	3	0.30424	-0.32335	Pedro Daniel
G2	1	0.29251	-0.5593	Selemani Muima
NK17	3	0.27968		Carlota Manuela
G25	1	0.23016	-0.4497	Bacar Yassine
NK24	3	0.16938	0.58998	Rafael António
N11	4	0.15155	0.38657	Wair Bitone
N14	4	0.13492	0.34703	Bernardo Michone
NK23	3	0.12935	0.48233	Cabral Messamuene
NK6	3	0.12392	0.2708	João Alberto
N23	4	0.10376	-0.00524	Angelo Atocuene
N6	4	0.05441	1.16088	Muchavo Saíde
G1	1	0.04285	0.5091	Terenciano Kahuli
NK10	3	-0.01816		Albertina Tacaliva
NK9	3	-0.13779	-0.68844	Manuel João
NC19	2	-0.17748	0.47968	Ernesto Saude
G10	1	-0.18851	-0.3644	Nunes Sata Cawira
G4	1	-0.21072	-0.3855	Obassar Aiuba
G22	1	-0.23241	-0.1346	Assane Abudo
NK22	3	-0.27377	0.58716	Aurélio José Kabatina
N13	4	-0.30166	0.13226	Warice Murathe
N28	4	-0.31555	-0.12087	Augusto Alberto
NK5	3	-0.32992	-1.0531	António Joaquim
NK7	3	-0.38198		Matilde Adriano
N5	4	-0.40649	-0.52746	Miguel Chiure
N8	4	-0.40649	-1.03367	Bibiana Malcala
N19	4	-0.40649	-1.04887	White Bitone



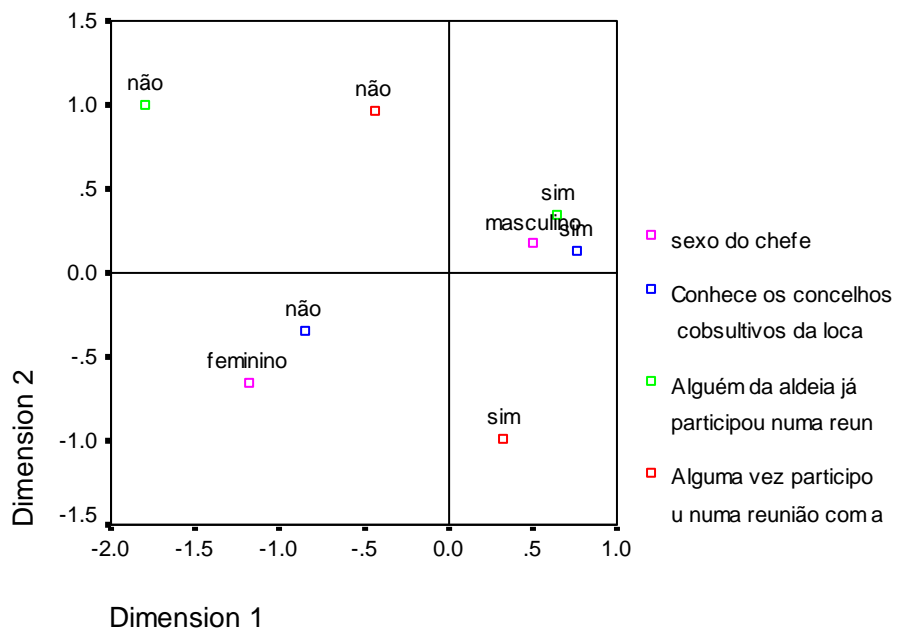
NK25	3	-0.41313	-0.43417	Armando Murruna
G5	1	-0.44135	-0.7252	Vitorina Borge
N30	4	-0.46369	-0.53447	Cecilia João
NK3	3	-0.48744	-0.09032	Marcelo Saíde
G8	1	-0.54464	-0.2024	Saha Kamari
G17	1	-0.62279	-0.5322	Mariamo Alicata
NK20	3	-0.65336	1.92127	Avetino Raul
N 29	4	-0.66859		Rosalina Amade
NC13	2	-0.69646	-0.8769	Guilherme Daniel
NK14	3	-0.71373	-0.50944	Julieta Joaquim
N10	4	-0.73824	1.02392	Bernardo Merçane
G3	1	-0.80255	0.4059	Sabile Gilane
NC3	2	-0.90611	-1.10967	Rosalina Cavarro
NC11	2	-0.91506	-1.23242	Paulina Mamola
N26	4	-0.92338	-1.16403	Ayana Wapana
G20	1	-0.94065	-0.5017	Fátima Estevão
G13	1	-0.94097	-0.706	Hieran Feta
NC17	2	-0.98091		Ntelefina Nabili
NK21	3	-1.02821	-0.19618	Mário Abel
N25	4	-1.02821	-0.52746	Ernesto Nihuta
NC6	2	-1.13304	-1.24214	Arlindo Guilherme
N27	4	-1.13304	-1.55508	Helena Wapana
G6	1	-1.23786	-0.2043	Rafael Jama
G14	1	-1.25513	-0.5017	Maciala Nsamaha
NK12	3	-1.25513	-0.6026	Paulino Simala
N1	4	-1.27272	-1.16403	Felizarda Silvestre
G23	1	-1.35996	-0.5322	Estefania Simão
NC16	2	-1.35996	-0.53015	Emilia Chapalaya
N24	4	-1.35996	-1.42473	Helena Pirriate
G7	1	-1.46479	-0.5679	Hina Yohuva
G21	1	-1.46479	-0.7153	Safia Bacar
NC18	2	-1.46479		Mateze
N9	4	-1.46479	-1.42473	Amama Lahuma
N21	4	-1.46479	-1.16403	Amélia Airose

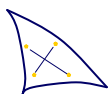
**Fonte: Inquérito aos Agregados Familiares nas Três Aldeias, Cruzeiro do Sul (2006)**



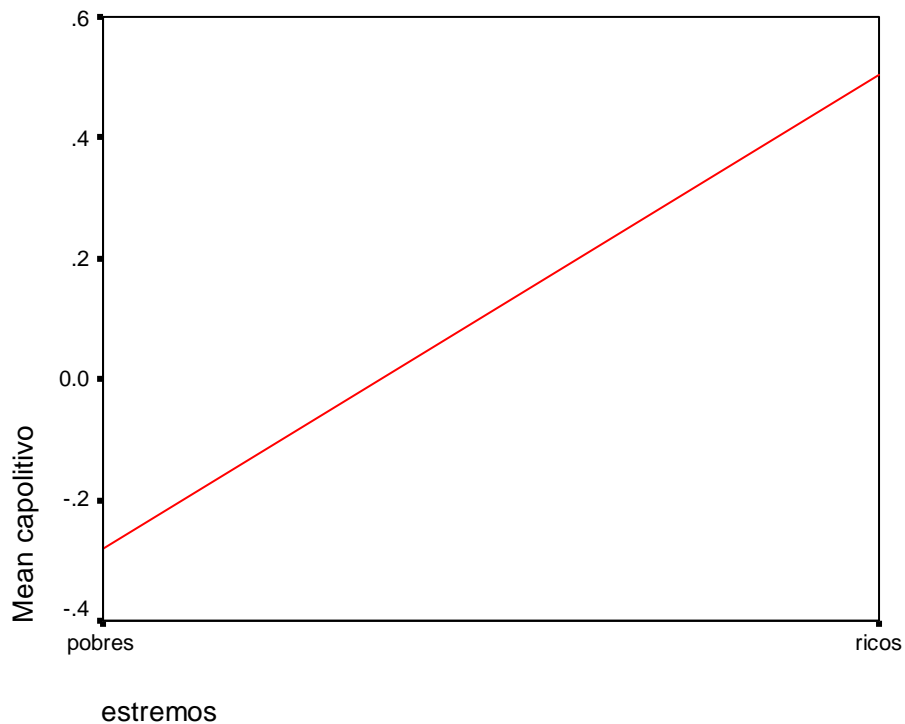
### Gráfico 1

### Quantifications

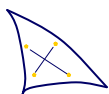




**Gráfico 2**



**Correlações**



## 2. QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Será que os conselhos consultivos poderão imprimir uma dinâmica que permita potenciar o “bridging social capital” das famílias com certo número de posses mais com dificuldade de investir por falta de segurança?
- Até que ponto os agregados do quarto quintil podem mudar de atitude e investir no desenvolvimento da comunidade?